Considerações sobre a Philosophia da Historia Litteraria Portugueza: (a proposito d'alguns livros recentes)

Antero de Quental

MUNDO DE LIBROS

Vista previa gratuita · Mundo de Libros · tiendamundodelibros.com

Considerações sobre a Philosophia da Historia Litteraria Portugueza: (a proposito d'alguns livros recentes)

Antero de Quental

Edición digital de dominio público.
Texto original: Project Gutenberg.
Mundo de Libros

Produced by Pedro Saborano (produced from scanned images of public domain material from Google Book Search)

ANTERO DE QUENTAL

CONSIDERAÇÕES SOBRE A PHILOSOPHIA

DA

HISTORIA LITTERARIA PORTUGUEZA

(A PROPOSITO D'ALGUNS LIVROS RECENTES)

2.ª EDIÇÃO

PORTO

LIVRARIA CHARDRON

LELLO & IRMÃO, EDITORES

1904

Porto--Imprensa Moderna

ADVERTENCIA

Foi publicado originariamente este pequeno trabalho em folhetins no jornal o «Primeiro de Janeiro». Parecendo, porém, a algumas pessoas

de gosto que havia nas minhas considerações verdade e justiça sufficientes, e que valeria a pena, por isso, dar mais alguma circulação ás idéas emittidas, resolvo-me, para satisfazer ao voto d'essas pessoas, a imprimir á parte estas paginas, accrescentando-lhes algumas observações, suggeridas pelo escripto do snr. M. Pinheiro Chagas, «Desenvolvimento da Litteratura Portugueza», que só pude vêr depois de publicados os folhetins.

_A. de Q._

Philosophia da Historia Litteraria Portugueza

Os Luziadas; ensaio sobre Camões e a sua obra, em relação á sociedade portugueza e ao movimento da Renascença, por J. P. de Oliveira Martins. Porto, 1872.

Theoria da Historia da litteratura portugueza; these para o concurso á cadeira de Litteratura moderna, no Curso superior de letras, por Theophilo Braga. Porto, 1872.

I

A philosophia das litteraturas é uma criação do nosso seculo, cujo genio, ao mesmo tempo subtil e profundo, se revela sobretudo nos estudos historicos, e a que um mixto particular de enthusiasmo e scepticismo, de erudição e intuição, dá uma singular facilidade para penetrar o caracter das varias raças, o espirito das varias idades e civilisações.

Uma maneira mais intima e juntamente mais larga de comprehender a humanidade e o individuo, que caracterisa o pensamento moderno, explica esta especie de condão magico com que o nosso seculo tem

aberto os recessos obscuros, em que a alma dos tempos antigos parecia haver-se para sempre sepultado, defendida pelo silencio e pelo mysterio.

Com effeito, em quanto se não viu, por um lado, na humanidade um _todo_ vivo, cujos movimentos são determinados por leis naturaes e constantes, embora complexas e obscuras, e, por outro lado, no individuo, dentro da humanidade, uma força, não caprichosa, mas coherente, embora livre, e cujas manifestações são todas respeitaveis e legitimas, tendo todas a sua razão de ser e o seu valor; em quanto, sobretudo, se não comprehendeu que os momentos da historia não são contradictorios entre si, mas representam varios termos d'uma serie por onde o espirito humano, ascendendo, se affirma, transformando em parte as condições do _meio_ em que se move, e em parte subordinando-se a ellas, e que, por isso, esses momentos não devem tanto ser _julgados_ como _comprehendidos_; em quanto este ponto de vista, ao mesmo tempo idealista e scientifico, se não estabeleceu--a historia critica, intima, psychologica, era impossivel, e impossivel tambem a philosophia da historia.

É por esta razão que a critica e historia litterarias soffreram em o nosso tempo uma completa e profundissima renovação, e que a historia philosophica das litteraturas só recentemente se pôde constituir.

Considerava-se, ha 100 annos ainda, a obra litteraria como uma criação meramente individual, determinada apenas pelo sentimento pessoal, o genio, as disposições do poeta: não se via a relação estreita que ha entre a inspiração do individuo e o pensamento da época, a raça, o meio social, e o momento historico. Uma poetica, tão estreita

quanto inflexivel, media tudo, as producções de povos e tempos os mais diversos, por uma unica bitola, o _gosto_, e, dominada pela preoccupação fanatica do _classico_, bania da historia épocas e raças inteiras, condemnadas como barbaras, incultas, _rudes_. O que ha de mais caracteristico e muitas vezes de mais profundo na obra d'arte, a revelação do sentir intimo dos homens nas diversas condições moraes e sociaes, ficava d'este modo perdido para a critica, era despresado em nome d'um ideal de perfeição uniforme, em grande parte convencional, e em todo o caso abstracto e, por isso, irrealisavel.

Sabemos hoje que a esthetica, sob pena de se excluir systematicamente da realidade, não póde ser absoluta senão nas suas leis fundamentaes, isto é, n'aquillo mesmo em que é absoluto e immutavel o espirito humano: em tudo mais é, como elle, variavel e progressiva. Tem uma statica e uma dynamica: e se a primeira, que é toda abstracta, explica e dá a razão da segunda, que é toda concreta, é a segunda quem explica e dá a razão das obras d'arte, naturalmente concretas e contidas nas condições do tempo e do meio. Ao methodo exclusivamente abstracto substituiu-se o methodo historico, e para logo todas as litteraturas, as antigas e as modernas, as barbaras e as cultas, alumiadas por uma luz nova, appareceram com as suas feições caracteristicas, os seus relevos naturaes, os seus contornos, e vieram tomar cada qual o logar que lhe competia na serie dos desenvolvimentos do espirito humano. Para logo tambem se tornou manifesta a alta significação das litteraturas, testemunhas desprevenidas e candidas, vindo depôr uma após outra sobre o viver intimo das respectivas sociedades, e denunciando ingenuamente a feição psychologica correspondente a cada povo e a cada idade. A philosophia da historia encontrou n'ellas o instrumento mais delicado

e, ao mesmo tempo, o mais preciso, para determinar o grau de valor moral de cada civilisação: na sua mão um poema pôde tornar-se, muitas vezes, o ramo d'ouro da sibylla, com que descesse á região dos mortos, a interrogal-os; versos cantados ha mil, ha dous e tres mil annos por poetas desconhecidos, explicaram os movimentos das raças, as origens, os esplendores, as revoluções e as catastrophes dos imperios.

A historia litteraria deixou de ser uma curiosidade: appareceu como uma realidade cheia de vida e de expressão. Correspondendo a uma ordem de phenomenos distinctos e importantissimos, tornou-se objecto d'uma sciencia e, como tal, um ramo da philosophia. Hoje por toda a Europa, os estudos de historia litteraria, transformados, seguem com firmeza no caminho aberto com juvenil impetuosidade pela escóla allemã do começo d'este seculo: refundem-se, desenvolvem-se ou corrigem-se as primeiras conclusões, naturalmente incompletas umas e outras prematuras ou em extremo systematicas, e á grande renovação sahida d'este movimento se ligam muitos dos nomes mais illustres e das obras mais fecundas do nosso tempo.

Entre nós, as duas gerações litterarias, que se succederam desde 1830 até hoje, mais apaixonadas e criadoras do que criticas, mais poeticas e enthusiastas do que reflectidas, e, sobretudo, dominadas por aquella como que instinctiva repugnancia ás ideas geraes propria d'um povo educado pelo catholicismo no que elle tem de mais estreito e esterilisador, receberam com desdem, ou apenas aceitaram, o que havia de mais superficial no movimento renovador, quando não o ignoraram completamente. A historia litteraria continuou _erudita_, como d'antes, na sua gravidade inexpressiva, e a critica, apesar de muitas proclamações revolucionarias, acatou todavia o altar

consagrado e o velho idolo do _gosto_. É verdade que o _gosto_, sacudido no seu somno secular por mãos juvenis, teve de abandonar as vestes antigas e compromettedoras do _classico_ e de se fazer (ou deixar que o fizessem) _romantico_. Era já um grande passo, confessemol-o: simplesmente, este primeiro passo, timido ainda, obrigava a dar um segundo e mais decisivo--e esse é que não se deu.

Nem se podia dar. Devemos muito áquellas duas gerações, é justo confessal-o. Mas a sua missão foi outra, e outro o seu trabalho. N'este empenho de fazer penetrar o espirito philosophico na historia da litteratura patria, e de levantar entre nós a critica á altura em que mãos vigorosas e illustres a têem collocado n'outros paizes, a geração nova achou-se sem predecessores nem mestres entre os escriptores nacionaes, e teve forçosamente de se virar para os estranhos. D'aqui uma certa confusão, a adopção quasi _sur parole_ dos systemas estrangeiros, e algum mau estylo...

Entretanto, a sua vocação é essa, evidentemente critica e philosophica. Menos criadora e espontanea, e libertada já dos preconceitos da educação tradicional, a nova geração tem por área natural dos seus trabalhos os estudos criticos e as idéas geraes. A historia philosophica, a philologia, as sciencias sociaes, eis o vasto campo que, entre nós, a sua actividade tem de desbravar e fecundar.

Na historia litteraria, os primeiros passos n'este caminho foram dados corajosamente por um trabalhador dotado de energia e perseverança singulares, o snr. Theophilo Braga. Pódem disputar-lhe qualquer outra especie de gloria, menos esta, já não pequena, de iniciador. A consideração do que ha de viril e quasi heroico na attitude dos exploradores, faz-nos vêr na sua obra mais ainda o valor d'uma acção

pessoal do que o das conclusões scientificas, e dá-lhe um merecimento independente das muitas imperfeições e lacunas, que seria pueril pretender dissimular.

Com effeito, a sua gloriosa iniciativa é compensada, como geralmente acontece aos iniciadores, por defeitos graves: dous, que resumem e d'onde se originam todos os outros: a impaciencia, que leva a conclusões prematuras, e o espirito systematico, que leva a conclusões falsas. Por um lado, uma _verdura_ (se assim se póde dizer) de theorias e explicações mais ou menos phantasiosas, e por outro lado uma inflexibilidade canonica na applicação stricta de certas formulas aos problemas os mais complexos, dão muitas vezes aos seus livros aquella feição singular de inconsistencia e ao mesmo tempo de dogmatismo, de aventuroso e juntamente de acanhado, que caracterisa os trabalhos sem precedentes, filhos da febre da innovação e do isolamento. O grande merecimento d'estes livros póde dizer-se que consiste ainda mais em ter levantado as questões do que em tel-as definitivamente resolvido.

Ha, todavia, lados verdadeiramente solidos nas obras do snr. Theophilo Braga. O seu talento é muito mais analytico do que generalisador; d'aqui, a inferioridade relativa das suas apreciações philosophicas, comparadas com os seus trabalhos propriamente criticos. N'estes, que constituem a parte mais séria e fecunda da sua obra, encontramos os processos da sciencia, como os têem comprehendido os mestres d'este seculo, applicados geralmente com discernimento, com uma grave despreoccupação de tudo o que não é a logica e a verdade, e dando resultados positivos, muitos dos quaes se devem considerar definitivos. Distinguem-se por estas qualidades, entre os volumes da sua grande historia da litteratura portugueza, já

publicados, os estudos sobre Sá de Miranda e a sua escóla, sobre os poetas palacianos do seculo XV, e sobre o theatro portuguez nos seculos XVII e XVIII. Ha novidade e ao mesmo tempo segurança em muitas partes d'aquelles estudos: entrevêem-se as revoluções litterarias, no que ellas têem de mais intimo, isto é, nas suas relações com os costumes e as opiniões que se transformam; assiste-se ao nascimento e á decadencia das escólas; vêem-se as razões do progresso de certos generos, do estacionamento ou esterilidade de certos outros. Ha alli verdadeiras descobertas biographicas e chronologicas, e mais d'uma aproximação feliz que lança uma luz nova sobre os assumptos. Apesar da fraqueza e ás vezes puerilidade de certas inducções, do abuso da intuição como processo scientifico, da nimia importancia dada a particularidades insignificantes, da repetição e distribuição pouco logica das materias, deve esta parte da obra do snr. Theophilo Braga (a analytica e critica) ser considerada não só como o que ha de mais solido no edificio levantado por suas mãos laboriosas, mas ainda como um trabalho em si, de indisputavel valor.

O lado inferior e fragil, a meu vêr, são as theorias geraes, a parte philosophica. Sente-se que não é essa a vocação do talento do snr. Theophilo Braga. Ao mesmo tempo chimerico e systematico, dá ás suas doutrinas geraes uma feição dogmatica, que lhes tira aquelle poder de ductilidade e comprehensão, sem o qual uma theoria, para accommodar os factos ao seu rigor inflexivel, tem de os forçar umas vezes e outras vezes de os pôr de lado--isto é, não passa d'uma pura abstracção. É isto o que torna abstrusas certas obras, como a _Poesia do Direito_, por exemplo. É isto mesmo o que encontramos na maneira por que o snr. Theophilo Braga comprehende e explica a

Hasta aqui llega la vista previa gratuita.

Sigue leyendo este libro completo en tu biblioteca:

compralo por $20 MXN o leelo con la Membresia ($149 / 30 dias).

tiendamundodelibros.com